

## NOTICIÁRIO

## NOTÍCIAS DE DUAS ACADEMIAS

O responsável por esta publicação ocupou, no ano passado, a presidência da Academia Campinense de Letras e a secretaria da Academia Paulista de História. Um breve retrospecto do que ocorreu nas duas entidades, em 1982, é o que pretendem os relatórios que aqui se transcrevem, lidos nas sessões de encerramento dos respectivos anos acadêmicos.

## 1. Academia Campinense de Letras

Senhores Acadêmicos: Eis-nos chegado não apenas ao fim de mais um ano acadêmico, mas, também, ao fim de um mandato de Diretoria. Dentro de poucos instantes, escolheremos os componentes da diretoria que conduzirá nossa Academia no próximo biênio. Circunstâncias que não precisam ser recordadas levaram-me a ocupar a presidência da Casa no segundo semestre deste ano, razão pela qual estou a dirigir-vos esta fala de despedida, que não é ainda o relatório que oportunamente vos será apresentado — quer da parte da Presidência, quer da Secretaria-Geral — mas ligeiro balanço de nossas atividades no biênio e um agradecimento a todos aqueles que colaboraram com a Presidência, abrilhantando nossas reuniões com eruditas e agradáveis palestras.

Realizamos nossas reuniões, todas elas de excelente conteúdo cultural, regularmente de março a dezembro, como dispõem nossos estatutos, tendo uma delas — a de maio do ano passado — se revestido de caráter solene para a comemoração do jubileu de prata de nossa Casa. O belíssimo discurso então proferido pelo confrade Wilson Brandão Toffano ainda ressoa em nossos corações. O evento propiciou, também, a edição do volume 40, da série de nossas publicações, contendo precioso documentário sobre os acadêmicos e a vida acadêmica, elaborado com o zelo e a competência da Acadêmica Maria Conceição Arruda Toledo.

Algumas efemérides culturais relevantes neste biênio foram condignamente comemoradas em nossa Casa. Em 1981, os centenários de Gustavo Teixeira e de Lima Barreto, evocados, respectivamente, por Conceição Arruda Toledo e Luiz Gonzaga Horta Lisboa; o sesquicentenário de Álvares de Azevedo, evocado por Mário Pires e os sesquicentenários do Hino Nacional Brasileiro e da abdicação de Dom Pedro I, evocados por aquele que vos fala. Em 1982: os centenários de Francisco Betim Paes Leme (médico ilustre de Campinas), Monteiro

Lobato, Plínio Barreto, Ernesto de Souza Campos, sobre os quais falaram, respectivamente, Celso Maria de Mello Pupo e Mário Pires; o centenário da morte de Luís Gama, evocado nesta noite por Brasil Bandecchi, marcando o encerramento de nosso ano acadêmico. Aquele que vos fala ocupou-se, também, do centenário de Stefan Zweig, e do bicentenário de Maximiliano, Príncipe de Wied-Neuwied, o grande viajante e naturalista que andou pelo nosso país há mais de 150 anos.

Outras efemérides, que não tiveram oportunidade de ser comemoradas, mas foram simplesmente mencionadas para registro em nossas atas: os centenários de nascimento do Cardeal D. Sebastião Leme, do historiador Antônio Paulino de Almeida, de Júlio Prestes, de Oscar Freire, de João do Rio, de Vivaldo Coaracy e de Américo de Moura, filólogo e historiador, muito ligado a Campinas, pois foi professor de nosso tradicional Ginásio do Estado; os centenários de falecimento de Gonçalves de Magalhães e de Joaquim Manuel de Macedo, de Charles Darwin e de Giuseppe Garibaldi; o bicentenário da morte de Barreto Leme, o fundador de Campinas; e ainda os centenários de três grandes viajantes que nos visitaram no século passado: o geógrafo e explorador Jules Crévaux, o pintor Biard e o jornalista Augusto Emílio Zaluar, este homenageado pela nossa cidade, com seu nome numa rua do Bonfim ( pois aqui estive e sobre Campinas e suas fazendas escreveu ).

Além dos acadêmicos já citados a propósito das efemérides – Conceição Arruda Toledo, Mário Pires, Celso Maria de Mello Pupo, Luiz Gonzaga Horta Lisboa – desejo agradecer a todos os outros que, durante o biênio, ocuparam a atenção de seus pares com a leitura de belas páginas de suas lavras: Wilson Brandão Toffano, Maurício de Moraes, Regis de Moraes, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, Maria José de Moraes Pupo Nogueira, Mauro Ribeiro Sampaio, Júlio Andrade Ferreira, Theodoro de Souza Campos Júnior, Lycurgo de Castro Santos Filho e Messias Gonçalves Teixeira. Uma referência especial a três convidados que nos brindaram com excelentes conferências: Honório de Syllos, sobre Euclides da Cunha; José Antonio de Lemos ( de Ouro Fino ) sobre “Paulistas na história de Minas Gerais”; e, nesta noite, Brasil Bandecchi que nos falou sobre a vida e a obra de Luís Gama.

Tivemos duas sessões solenes para recepção de novos acadêmicos – Messias Gonçalves Teixeira e Nair Sant’Ana Moscoso – e outra, já mencionada para a comemoração do jubileu da Academia.

Passou a Academia o pesar de ver desaparecidos quatro de seus membros titulares: Carlos Foot Guimarães, Francisco José Monteiro Sales, Francelino de Souza Araújo e Paulo Mangabeira Albernaz. Suas vagas já se acham preenchidas, respectivamente, por Messias Gonçalves Teixeira, Nair Sant’Ana Moscoso, Rogério César de Cerqueira Leite e Rubem Alves, estes dois últimos ainda não empossados.

A coleção de publicações foi enriquecida com dois novos títulos: o nº 39, dedicado à posse de Maria Dezonne Pacheco Fernandes, e o nº 40, já referido, comemorativo do jubileu da Academias. Posso adiantar que o nº 41, com os discursos proferidos na posse de Messias Gonçalves Teixeira já se encontra em fase de impressão.

Julgo de muita valia e significação ressaltar a produção cultural dos Senhores Acadêmicos no biênio que estamos encerrando. Publicaram livros: Regis de Moraes ( “Os bispos e a política no Brasil”, “Que é violência urbana” e “Entre Educação e a Barbárie” ); José Roberto do Amaral Lapa ( “O Antigo Sistema Colonial” ); Rubem Alves ( “O que é Religião” ); Mário Pires ( “Campinas: sementeira de ideal” e “O poema do nosso orgulho” ); Conceição Arruda Toledo ( “Raízes” e o já mencionado volume comemorativo do jubileu da Academia ); Maria Celestina Teixeira Mendes Torres ( a biografia de seu pai, Otávio Teixeira Mendes, grande e saudoso professor da Escola Agrícola Luiz de Queiroz, de Piracicaba ); Odilon Nogueira de Matos ( a terceira edição de “Café e Ferrovias” ) e — fato auspicioso — Maria Dezonne Pacheco Fernandes, que viu publicado em “braille” seu consagrado romance “Sinhá Moça”. Duas publicações coletivas — uma em prosa, outra em verso — editadas em Campinas, acolheram trabalhos de Conceição Arruda Toledo, Nair Sant’Ana Moscoso, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, Wilson Brandão Toffano e Mauro Ribeiro Sampaio. Diversos outros acadêmicos tiveram trabalhos divulgados em conceituadas publicações culturais: Lycurgo de Castro Santos Filho, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Revista da Academia Paulista de Letras e na Revista da Academia Paulista de História; Celso Maria de Mello Pupo, na Revista do Arquivo Municipal e na Revista da Academia Paulista de História; Horta Lisboa, na “Notícia Bibliográfica e Histórica”; Mário Pires, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e na “Notícia Bibliográfica e Histórica”; Odilon Nogueira de Matos, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, na Revista da Academia Paulista de História, no Boletim do Arquivo do Estado, na “Notícia Bibliográfica e Histórica”, e nos suplementos culturais de “O Estado de São Paulo” e do “Correio do Povo” ( de Porto Alegre ). Finalmente, lembraria a grande quantidade de acadêmicos que comparece regularmente às páginas da imprensa campineira com colaborações semanais: Maurício de Moraes, Horta Lisboa, Francisco Isolino de Siqueira, Mário Pires, Maria Dezonne Pacheco Fernandes, Conceição Arruda Toledo e Odilon Nogueira de Matos. Escusas por alguma omissão involuntária, e que inevitavelmente deve ter ocorrido.

Encerrando, cumpro elementar dever de justiça testemunhando sinceros agradecimentos aos meus companheiros de Diretoria: a Celso Maria de Mello Pupo, que, embora deixando a Presidência, continuou, a meu pedido, encarregando-se da parte

administrativa da Academia; a Wilson Brandão Toffano, que, em duas ocasiões, em virtude de ausência do Presidente, dirigiu os trabalhos da Casa; à dedicada Secretária, Maria Celestina, que sempre se encarregou proficientemente do cansativo, mas importantíssimo trabalho de redação das atas; a Francisco Isolino de Siqueira, pela assistência jurídica que, desinteressadamente, tem prestado à Entidade; e ao prezado amigo José Nogueira Novaes que, como sempre, mais uma vez demonstrou extraordinária dedicação à Academia, servindo-a com frequência e incrível boa vontade. E a todos os demais acadêmicos, notadamente àquele grupo fiel que não falta às reuniões, uma palavra de reconhecimento. O confrade que — tudo o indica — será eleito para o próximo biênio, vós o sabeis, tem todas as qualidades e condições necessárias para conduzir a Academia em rumos bem seguros: cultura, capacidade de trabalho, experiência administrativa, dedicação, enfim, espírito acadêmico. Que ele saiba — e certamente saberá — escolher seus companheiros de diretoria, para que possa prosseguir com brilho nesta obra que há mais de um quarto de século vem assinalando de maneira marcante a vida cultural de nossa cidade. Muito obrigado, Senhores Acadêmicos. Campinas, 6 de dezembro de 1982. Odilon Nogueira de Matos, Presidente. \*

## 2. Academia Paulista de História

Senhores Acadêmicos: No ano acadêmico que está por terminar, realizou a Academia Paulista de História as sessões regulamentares mensais, de março a dezembro, com exceção apenas da de julho, pois em virtude da ocorrência de duas importantes reuniões de estudos históricos, marcadas coincidentemente para a época em que a reunião da Academia deveria realizar-se e às quais compareceriam diversos dos nossos confrades, foi proposto e aprovado, conforme consta da respectiva ata, que a reunião daquele mês fosse suprimida.

Em diversas reuniões foram evocadas efemérides significativas que assinalaram o ano de 1982: os centenários de nascimento de Monteiro Lobato, Antônio Paulino de Almeida e Vivaldo Coaracy, sobre os quais falaram os acadêmicos Hélio Damante, Odilon Nogueira de Matos e Antônio Barreto do Amaral; o centenário da morte de Luís Gama, sobre o qual discorreu o acadêmico Brasil Bandecchi; e o cinqüentenário da Revolução Constitucionalista, evocado pelo acadêmico Heliodoro Tenório da Rocha Marques. Este evento ensejou a realização, com grande êxito, de

---

(\*) Na mesma sessão em que foi lido este breve relatório, procedeu-se à eleição da Diretoria para o biênio 1983/84, assim constituída: Wilson Brandão Toffano (Presidente), Conceição Arruda Toledo (Secretária-Geral), Luiz G. Horta Lisboa (1.º Secretário), Maria José de Moraes Pupo Nogueira (2.ª Secretária), Celso Maria de Mello Pupo (1.º Tesoureiro), Messias Gonçalves Teixeira (2.º Tesoureiro) e Lycurgo de Castro Santos Filho (Diretor de Biblioteca).

uma série de conferências na Biblioteca Municipal “Mário de Andrade”, a cargo dos acadêmicos Brasil Bandecchi, Raul de Andrada e Silva, Odilon Nogueira de Matos e Hernani Donato. Tais conferências deverão ser publicadas em o nº 107 da “Notícia Bibliográfica e Histórica”, número este, aliás, todo consagrado ao movimento de 1932, e que ficará como um testemunho da participação de nossa Academia na comemoração da efeméride tão grata aos paulistas.

Outras efemérides foram apenas mencionadas em nossas reuniões, sem que sobre elas acadêmico algum pudesse demorar-se, como seria de interesse: os centenários de nascimento de D. Sebastião Leme, de Júlio Prestes, e de Oscar Freire; os centenários da morte de Gonçalves de Magalhães, de Joaquim Manuel de Macedo, de Vicente Pires da Mota, do Almirante Barroso, de Charles Darwin, de Giuseppe Garibaldi; o bicentenário do nascimento do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e o bicentenário da morte de Barreto Leme, o fundador de Campinas; foi lembrado, ainda, o centenário de dois importantes livros da literatura brasileira — **Céus e Terras do Brasil**, de Taunay e **Papéis Avulsos**, de Machado de Assis — bem como o 80º aniversário da publicação de **Os Sertões**, de Euclides da Cunha. Todas essas efemérides, como vêem os prezados confrades, dariam ensejo a que verdadeiras conferências fossem proferidas. Um destaque especial merece o transcurso do bicentenário da morte do Marquês de Pombal, assinalado, em nossa capital, por importantes eventos: cursos no Instituto de Estudos Brasileiros e no Instituto Histórico e Geográfico ( este em colaboração com o Arquivo do Estado ), mesas-redondas; conferências, exposições. A todos estes eventos, a Academia esteve presente, através de vários de seus membros que deles participaram.

Uma ocorrência inusitada foi registrada por aquele que vos fala: a homenagem ao centenário de alguém que, mercê de Deus, ainda continua vivo — ilustre historiador militar General Raul Silveira e Mello, que, em fevereiro do corrente ano, alcançou a graça que, de fato, poucos alcançam, de participar das comemorações de seu próprio centenário. Dele, recebeu a Academia carinhosa manifestação a propósito do primeiro número de sua revista.

É auspicioso registrar que duas das efemérides do corrente ano — o centenário de Júlio Prestes e o cinquentenário da Revolução de 1932 — propiciaram oportunidade a que dois de nossos confrades, Célio Debes e Hernani Donato, respectivamente, publicassem valiosos livros.

A Academia fez-se presente, pela participação de vários de seus membros, em quatro importantes reuniões de estudos históricos realizadas no corrente ano: o VI Simpósio de Estudos Valeparaibanos, em Juiz de Fora; a II Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, no Rio de Janeiro;

a IV Semana da História, em Franca; e a reunião da seção regional da ANPUH, em Assis..

Fato deveras significativo da vida da entidade no corrente ano, foi a publicação do primeiro número da revista, distribuído na reunião de março, e que alcançou excelente receptividade, conforme o testemunham diversas manifestações recebidas. Vale registrar\*que o segundo número já está todo preparado, dependendo apenas das possibilidades da gráfica que o imprime. A Secretaria-Geral envidou todos os esforços para que esse segundo número fosse distribuído nesta sessão de encerramento do ano acadêmico, mas infelizmente circunstâncias que não dependeram da Academia impossibilitaram que tal ocorresse. Se tudo correr a contento, esperamos poder distribuí-lo antes do início do próximo ano acadêmico.

Diversos visitantes teve a Academia o prazer de receber em suas reuniões mensais: na de abril, o Sr. Walter Pinheiro Guerra; na de junho, o Cel. Edilberto de Oliveira Mello, diretor do Museu Militar de São Paulo; na de agosto, o historiador português Professor Jorge Borges de Macedo, que em São Paulo se encontrava participando das comemorações do bicentenário pombalino, e a Professora Heloísa Liberalli Bellotto, do Instituto de Estudos Brasileiros e em grande parte responsável pelos eventos que assinalaram, em São Paulo, o transcurso da efeméride relativa ao grande estadista português; na de setembro, o Dr. Alcides Nunes Dias; e na de novembro, o Professor João Dias, assessor da Reitoria da Unesp.

Teve a Academia o dissabor de ver desaparecido um dos seus titulares, aliás, enfermo havia bastante tempo e, apenas por isto ausente de nossas reuniões: o Engenheiro Alvaro da Veiga Coimbra, numismata e heraldista de reconhecido valor. A Presidência já tomou as providências necessárias ao preenchimento de sua vaga, devendo a eleição do novo titular realizar-se no início do próximo ano acadêmico.

Além das sessões regimentais já mencionadas, realizou-se no corrente ano a sessão especial e solene destinada à posse do Acadêmico José Augusto Vaz Valente, eleito para a vaga que se abriu com o falecimento, no ano passado, do Monsenhor Luís Castanho de Almeida.

Outras ocorrências haveria ainda a ser assinaladas neste rápido balanço, mas ficarão elas para o relatório mais circunstanciado que o Senhor Presidente e o Secretário-Geral oportunamente encaminharão aos Senhores Acadêmicos. Gostaríamos, finalmente, de lembrar que o encerramento deste ano acadêmico na data de hoje, praticamente coincide com o décimo aniversário de nossa Academia, fundada aos 18 de dezembro de 1972. Fica, aqui, uma sugestão à diretoria que, a partir de hoje, dirigirá os destinos da Entidade, para que se procure, no ano vindouro, assinalar de

qualquer maneira o transcurso do primeiro decênio desta Casa. São Paulo, 15 de dezembro de 1982. Odilon Nogueira de Matos, Secretário. \*

\*

## UMA "TRIBUNA" ALCANÇA O CENTENÁRIO E OUTRA APROXIMA-SE DELE

O ano passado assinalou o transcurso de significativas efemérides para dois órgãos da imprensa do interior do Estado: a **Tribuna do Norte**, de Pindamonhangaba alcançou seu centenário, sendo atualmente, depois de **O Estado de São Paulo**, o mais antigo jornal paulista em circulação. A ocorrência, como não podia deixar de ser, propiciou ao velho jornal a publicação de um número especial, de grande interesse histórico, por trazer, entre outras coisas, o índice da matéria publicada durante boa parte de sua existência. Desnecessário salientar o que isto representa como instrumento de pesquisa.

Apenas havíamos tomado conhecimento da bela realização do jornal da "Princesa do Norte", eis que recebemos de nosso preclaro amigo Elísio Zurita Fernandes magnífico album comemorativo do quase centenário (noventa anos...) de seu jornal, a **Tribuna do Povo**, de Araras. Embora diferentes, os números comemorativos das duas **Tribunas** têm algo em comum: seus diretores se conscientizaram de que seus jornais podem ser (e na realidade o são) instrumentos imprescindíveis para a pesquisa histórica. Elísio Zurita Fernandes teve a idéia originalíssima — e que revela, sobretudo, compreensão do valor de um álbum da natureza do que editou — de estampar fac-símiles da primeira página de mais de uma centena de números de seu jornal, desde o exemplar do dia 14 de julho de 1907 (com a bela página de Olavo Bilac sobre a língua portuguesa) até o do dia 22 de fevereiro de 1981. Reproduções excelentes, que facilmente permitem a leitura, o que nem sempre acontece com trabalhos dessa natureza.

Certamente houve algum critério a presidir a seleção dos números que tiveram sua primeira página reproduzida. Mas, é de se lamentar que não tenham sido utilizados números anteriores a 1907, já que o jornal data de dezesseis anos antes. A reprodução do primeiro número,

(\*) Na mesma sessão em que foi apresentado este relatório, tomou posse a Diretoria eleita para o triênio 1983/5, assim constituída: Paulo Pereira dos Reis (Presidente), Hernani Donato (Vice-Presidente), Vinício Stein Campos (Secretário-Geral), Paulo Silveira Santos (Secretário), José Augusto Vaz Valente (Tesoureiro), Maria Beatriz Nizza da Silva (Comissão de Publicações) e Heliodoro Tenório da Rocha Marques (Comissão de Contas).

então, teria sido altamente significativa. Não há de ser sem razão que Zurita não o fez. Talvez os números mais antigos não estejam em boas condições para suportar a reprodução ou, poderá até ser o caso, de infelizmente não existirem números anteriores. Isto, porém, não invalida o belo trabalho. A amostra que temos, através de números esparsos, de um jornal quase centenário, é das mais expressivas, pois, inclusive, nos poderá fornecer algumas páginas para reprodução em nossa revista, com a devida licença de seu diretor.

Às duas **Tribunas** ( a do “Norte” e a “do Povo” ) podemos fazer nossas as palavras da bela página que o Prof. Silveira Bueno escreveu para o jornal de Araras: “Que continuem dignas de seu próprio nome, que sigam sempre pelos anos vindouros a falar-nos dessa eminência esclarecedora em que se encaneceram, cada vez mais dignas de nosso respeito, agora que os dias se vão tocando dessa alvura das grandes experiências vividas, agora que mais um ano se lhes dealba por entre as sombras do futuro. Pregando aos homens, que ouçam primeiro a voz de Deus e sejam entre o céu e a terra o traço de união da felicidade”. ONM

\*

## GRAMSCI É TEMA DE TESE NA UNICAMP

Demonstrar a importância que o pensador italiano Antonio Gramsci ( 1891/1937 ) atribui à Filosofia como inspiradora e estruturadora da ação política, bem como a necessidade, por ele enfatizada de uma divulgação da Filosofia entre os homens comuns, adaptando-os a determinado momento histórico, a fim de que toda mudança proposta por essa filosofia se consolide e não seja algo efêmero. Esses são os dois eixos da tese de livre-docência defendida pelo professor e cientista político Michel Debrun, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas ( Unicamp ).

Em sua tese, o professor Michel Debrun, que leciona há quase dez anos na Unicamp, diz ter havido uma descoberta do pensador Gramsci a partir dos anos 60, baseada no fato de que ele procurou mostrar a relativa originalidade e autonomia dos fatos políticos. Nesse ponto, Debrun explica que o êxito de Gramsci foi um tanto semelhante ao do pensador francês Louis Althusser, que “falava, numa linguagem parecida, sobre a necessidade de não se ver no elemento político uma mera projeção do elemento econômico”.

“No rastro dessa constatação, Gramsci desenvolveu uma série de conceitos que se tornaram clássicos, como a distinção que faz entre a

sociedade civil e a sociedade política, ou como a noção que apresenta do que chama de revolução passiva, desencadeada de cima para baixo pela elite de poder, que em troca da manutenção desse Poder admite modificações sociais, econômicas e culturais, mas com a preocupação de que o povo interfira o menos possível” – assinala Michel Debrun.

Contudo, os fatores localizados no plano eminentemente político e econômico não são objeto da tese do Prof. Debrun, uma vez que ele próprio admite: “São fatores já assimilados pelo pensamento político em todo o mundo.”

O que Debrun considera uma inovação trazida à luz, através da tese intitulada **Gramsci: filosofia, política e bom-senso**, é o fator filosófico, “porque a Filosofia, para Gramsci, deve nortear a ação política. E mesmo que os políticos ou os partidos não tenham consciência disso, em muitos casos atuam como filósofos, levando a ação política a ser orientada pela Filosofia.”

“Eu seria pretensioso demais se considerasse esse novo elemento revolucionário. Trata-se apenas de uma pequena novidade. Nessa tese tento mostrar que a vida política do Estado e dos partidos remete a outra dimensão, a filosófica, que, embora citada, não foi ainda sistematicamente tratada. Nunca se consagrou um livro a esse ponto” – lembra Michel Debrun.

Além dos dois eixos básicos, a tese procura demonstrar que Gramsci não tem a visão da Filosofia como atividade especulativa, voltada para objeto de difícil alcance. “Se essa fosse sua visão, seria naturalmente uma idéia esdrúxula de Gramsci desejar que a política fosse influenciada pela Filosofia de concepção tradicional.”

Debrun aponta que, aos olhos do pensador italiano, em qualquer época, indivíduos ou grupos de indivíduos têm uma concepção mais abrangente do seu momento histórico: “Esses homens têm uma idéia particularmente bastante viva e aguda das contradições e do momento histórico que vivem, bem como de suas potencialidades, do capitalismo ao socialismo.”

Esses homens, segundo o Professor da Unicamp, são os filósofos, na visão de Gramsci, embora não conscientes disso. Mesmo no início de uma época, esses grupos principiam por ter essa visão que, ao final de determinado tempo, transforma-se num arcabouço filosófico muito próximo da realidade. Assim – conforme Michel Debrun – Gramsci, entende que, para haver êxito numa mudança, ela terá de se inspirar na compreensão que os filósofos propõem para o seu momento. “E ela deve impregnar a ação dos atores políticos.”

“O que interessa a Gramsci são as ações políticas que procuram estabelecer as indicações de como as mudanças e a sua

preservação devam ocorrer, pois a política é que irá orientar a mudança, a partir de plataformas filosóficas. A política vai alimentar-se na Filosofia e buscar a formulação dos seus objetivos. E como se esforça ela para captar o momento presente, não há uma só Filosofia, mas sempre relativa a uma época” — assinala Debrun.

Mas a tese é enfeixada por mais um item: o bom-senso, que para Gramsci nada mais é do que a Filosofia de uma época difundida e assimilada pelas massas. “O homem comum incorpora essas filosofias, embora não possa captar as sutilezas do filósofo profissional” — pondera Debrun.

“Quando um número crescente de homens ou de grupos chega a incorporar a Filosofia, ainda que de maneira tosca, e quando essa penetração se alarga e é compartilhada pelos indivíduos, a Filosofia se transforma em bom-senso. E eu afirmo que não haveria dificuldades para Gramsci dizer que o marxismo é a Filosofia em gestação em nossa época. Não que todos admitam o marxismo, mas há o que eu chamaria de marxismo de botequim.”

Segundo Michel Debrun, “o povo deve tornar-se mais ou menos filósofo, na concepção de Gramsci, porque se não houvesse a incorporação das orientações culturais e políticas propostas pela Filosofia de uma época, a transformação proposta de mudança seria precária, sem solidez, e passível de alterações por golpes ou outras formas.” (Luiz Roberto Saviani Rey.)

( Folha de São Paulo, 24/11/1982. )

\*

## TAUBATÉ E SEU ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL

Taubaté, cidade mais que tricentenária orgulha-se de possuir um dos mais importantes arquivos históricos do interior do Estado de São Paulo.

Essa seção da Divisão de Museus e Arquivo Histórico, unidade do Departamento de Educação e Cultura, instalada na Rua Visconde do Rio Branco, 516, ocupando o histórico edifício tombado pelo CONDEPHAAT, popularmente conhecido como “Solar dos Oliveira Costa”, muito embora tenha sido construído em 1852 pelo “Landlord” do café, Tte. Cel. Manoel de Siqueira Mattos, que, por longos anos, o utilizou para sua moradia urbana temporária.

O prédio, na cidade um dos seus raros monumentos arquitetônicos remanescentes do período áureo do café na região, foi restaurado pelos herdeiros do Dr. Pedro Luiz de Oliveira Costa, seu último proprietário, a fim de ser colocado em condições de bem acolher a Divisão de Museus e Arquivo Histórico e sua seção, o Arquivo Histórico Municipal, que ocupa a maioria de suas dependências.

Desde sua instalação, o Arquivo Histórico Municipal vem prestando relevantes serviços públicos, principalmente no setor de atendimentos informativos de caráter histórico-cultural, visando principalmente aos estudantes de todos os graus e pesquisadores eruditos, como órgão incumbido de buscas, acolhimento e preservação de documentos ligados ao passado da cidade e da região valeparaibana, pugnando particularmente para sua divulgação.

Eis a relação de suas diversas seções:

a) **HEMEROTECA** – A partir de 1861, com 180 volumes encadernados de jornais antigos;

b) **ARQUIVO DE DOCUMENTOS INFORMATIVOS** – Formados por 160 caixas plásticas, dividido em 3 seções ( Taubaté, Municípios do Vale do Paraíba e Estudos em Geral ), com recortes de jornais e revistas, cópias xérox, folhetos e impressos sobre todos os assuntos correlatos aos temas;

c) **ARQUIVO FOTOGRÁFICO** – Com cerca de 1.000 fotografias do passado e presente da cidade, vultos ilustres, acontecimentos importantes sociais e administrativos etc.;

d) **FICHÁRIOS** – de Ruas da Cidade, de Bandeirantes e Sertanistas Taubateanos; de Endereços de Personalidades, de Artistas Plásticos, de Instituições Culturais etc.;

e) **DOCUMENTÁRIO DE ANTIGOS MANUSCRITOS** – Fontes primárias da história de Taubaté e do Vale do Paraíba – formado por originais, alguns preciosísimos, vários com assinaturas de bandeirantes e vultos importantes do passado, a partir de meado do século XVII – ora em fase final de classificação e de início de catalogação, com mais de 30.000 documentos;

f) **ARQUIVO DE ANTIGOS LIVROS DE REGISTROS DA PREFEITURA MUNICIPAL** – Ligados à história econômica, política e administrativa do Município, a partir de meado do século XIX, com mais de 600 volumes catalogados;

g) **BIBLIOTECA ESPECIALIZADA EM HISTÓRIA, ARTES E ASSUNTOS CORRELATOS** – Folclore, Artesanato, Geografia, Sociologia, Problemas Brasileiros; bem como, Dicionários, Enciclopédias, Temas sobre Taubaté e Vale do Paraíba etc., com cerca de 3.000 volumes;

h) ARQUIVO DE NEGATIVOS FOTOGRÁFICOS — Referentes a vultos de Taubaté, do passado e do presente; à Evolução da Cidade, Velhas Sedes de Fazendas, Aspectos Arquitetônicos etc.;

i) MAPOTECA — Formada por plantas antigas e atuais da Cidade, Município e Região; mapas do Estado de São Paulo e mapas em geral;

j) MEMÓRIA FALADA — Registros em fitas, de depoimentos de intelectuais, artistas e conhecedores do passado da cidade;

l) EXPOSIÇÃO ICONOGRÁFICA ( permanente ) “Memória da Cidade de Taubaté”, apresentada em seqüência cronológica ( desenhos, mapas, pinturas e fotografias );

m) SALA DE LEITURA E DE CONSULTAS — Para estudantes e interessados, de todos os níveis, havendo facilidade para cópias xérox, públicas-formas de documentos e páginas impressas;

n) FILMOTECA — Com cópias de 16mm de antigos documentos cinematográficos de Taubaté de outrora, executados com a colaboração da Fundação Cinemateca Brasileira, de São Paulo.

O Arquivo Histórico Municipal funciona diariamente, de segunda a sexta-feira, no seguinte horário:

— Das 9 às 11 horas e das 13:30 às 17:30.

( Nota de Paulo Camilher Florençano, Diretor da Divisão de Museus e Arquivo Histórico de Taubaté. )

\*

\*

\*